

Através do seu corajoso exemplo, uma ex-prostituta, ex-assaltante e ex-alcoólatra está ajudando a provar que o submundo não é um beco sem saída

Vida nova para Michèle

DOMINIQUE AUBER

NUMA clínica de doenças venéreas, em Paris, Michèle, uma enfermeira já passada dos cinquenta, com um rosto extraordinariamente alegre e risonho, acabara de colher uma amostra de sangue de uma jovem sífilítica, e lhe prometia uma rápida recuperação.

«Com a vida que levo, não vou demorar a ter uma recaída», retrucou a paciente. «Mas como é que uma mulher pode largar esta vida de rua? Você não sabe como é duro.»

Michèle virou-se para ocultar a sua emoção. «Oh, sim, eu sei», pensou, pois ela também havia sido uma prostituta, além de assaltante e alcoólatra.

Michèle contou a sua história num livro que já vendeu 58 mil exemplares, e já deu várias conferências a respeito. Com isso, ela tentou provar às infelizes mulheres de rua que a prostituição não é uma viagem sem volta.

Michèle nasceu de uma família pobre, nos subúrbios de Paris. Desde que se lembra, ela, sua irmã e dois irmãos assistiam aos espancamentos que a mãe recebia do pai alcoólatra.

«Agora consigo ver», escreveu em seu livro, «a mesa virada, e o meu irmão mais novo me escondendo por trás do tampo lateral para me salvar das pancadas. Quando meu pai saía de casa de manhã, era um alívio.» Finalmente, sua mãe morreu em consequência das brutalidades do marido, e o ódio alimentado por Michèle contra o pai transformou-se num desprezo por todos os homens.

Aos 15 anos, a garota dormia sob as pontes de Paris e roubava para sobreviver. Então, uma noite, em seu refúgio num barracão perto da Porte d'Ivry, uma jovem se dirigiu a ela com simpatia, ofereceu-lhe um quarto no Boulevard de la Chapelle e um emprego como garçonete num bar.

A garota nunca havia possuído um quarto para si própria, com água e luz elétrica. Além disso, segundo parecia, sua amiga Suzanne desmanchava-se em atenções para com ela. Um dia apresentou-a a um homem chamado Mimile, quarentão e adúlador, que convidou as duas para jantar num restaurante. Michèle estava caminhando sobre nuvens. E deixou-se levar pela boa comida e pelo vinho.

«De repente», contou ela, «perdi os sentidos. Quando acordei, encontrava-me num quarto no 2.º andar do restaurante. Tinha sido drogada. Estava deitada numa cama, ao lado de um soldado. Insultei-o de todas as formas, mas ele respondeu que era o terceiro no espaço de uma hora e que era melhor eu parar de bancar a madame.»

Ela estava prisioneira num bordel. Os dias que se seguiram foram de pesadelo. «Lembrei-me», conta ela, «dos vizinhos do bairro onde eu morava, e que costumavam dizer: 'Você vai acabar na sarjeta!' Bem, era lá que eu tinha acabado.»

No fim da primavera de 1940, quando os seus clientes já não eram franceses, mas sim alemães, disseram para Michèle que a França havia perdido a guerra. Envolvida numa tentativa gorada para assaltar uma joalheria, ela conseguiu iludir a polícia e convenceu um oficial alemão a arranjar-lhe um passaporte para a Alemanha.

Trabalhou como criada num restaurante perto de Stuttgart e passava suas noites num campo de prisioneiros das proximidades, no qual, em troca

de certos favores, era introduzida por um soldado alemão. «Entretanto», declara ela, «lá bem no fundo de mim havia uma voz que bradava pelo meu desejo de ter outra vida.»

Uma noite, no restaurante, encontrou quatro franceses que haviam sido recrutados pelo S.T.O. (Serviço de Trabalho Obrigatório).^{*} Adotando-a num espírito fraternal, eles lhe contaram quais eram as suas atividades subterrâneas — ajudar prisioneiros a escapar e fornecer aos Aliados informações sobre a fábrica de aviões onde trabalhavam. Pela primeira vez, Michèle sentiu que alguém estava confiando nela.

Um sábado, ela perdeu o último trem, e um dos rapazes, Jacques, convidou-a para ficar na casa dele. Teria ela errado ao pensar que os quatro estavam oferecendo apenas amizade? Será que este também mostraria ser igual aos outros? Entretanto, para sua surpresa, assim que ficaram a sós, Jacques tirou da sua mala uma batina e um crucifixo e disse-lhe que era padre. Ao ver que ela não havia compreendido — pois nada sabia de religião — ele lhe explicou o significado daquilo.

À medida que os dias passavam, ela se deslumbrava cada vez mais com os «presentes» que estava recebendo — amizade, confiança, fraternidade. Não, felizmente para a humanidade, nem todos os homens eram iguais.

^{*} Uma instituição criada pelo governo de Vichy a favor dos alemães, para organizar o envio de mão-de-obra forçada para as fábricas alemãs.

«Mesmo depois de ficarem sabendo quem eu era, os meus amigos não me condenaram», conta ela. «Até acreditaram que eu podia me tornar uma mulher como as outras.»

Eles lhe ofereceram trabalho numa creche improvisada, criada para os filhos dos prisioneiros franceses. Ali, trocando fraldas de bebês, ela finalmente começou a sentir-se útil e a pensar que podia esquecer o seu terrível passado.

Mas o fim da guerra uma vez mais a lançou no abismo da solidão. Os amigos se separaram. Em Paris, quase inconscientemente, ela se viu de volta à Rue Saint-Denis, de volta à prostituição. Dentro de três semanas, sua saúde chegou a um estado crítico e, no hospital, disseram-lhe que tinha uma séria infecção pulmonar.

Entre lances de delírio, ela se lembrou de um amigo em Stuttgart, chamado François, e escreveu-lhe pedindo auxílio.

François veio imediatamente e deu um jeito para que Michèle fosse viver no Jura, com uma família do interior, durante seis meses. Mas agora ela sabia que nunca poderia vencer sozinha, sem um auxílio constante.

Resolveu ir falar com o padre da cidade. Por coincidência, ele estava em contato com um bretão, o padre André Talvas, que tinha acabado de inaugurar Le Nid (O Ninho), um lar dedicado à reabilitação de prostitutas. «Gostaria de vir para cá?», perguntou o Padre Talvas a Michèle.

Em Fontenay (Hauts-de-Seine), Michèle tornou-se uma das garotas, num grupo de cinco, que tentavam romper

com a prostituição. Aprendeu a tolerar o trabalho regular — fabricando chinelos na oficina de Le Nid — e em breve foram-lhe confiadas responsabilidades básicas (limpeza, cozinha, recados). Um grupo de quatro auxiliares de Le Nid a estimulava e tentava fazer com que ela reestabelecesse os laços familiares. Eufórica, renovou as ligações com os seus irmãos Jean e Marcel.

Em 1948, após uma longa convalescença na Normandia, Michèle, finalmente em paz consigo própria, sentiu-se suficientemente forte para começar a ajudar os outros. Associou-se ao quadro do pessoal de Le Nid, ensinando aos novos membros as normas da instituição, as habilidades da costura e da cozinha. Para não perder o contato com o mundo exterior, ia a Paris duas tardes por semana para trabalhar como mulher de limpeza.

Mas Michèle vacilou mais uma vez. Um dia, ao fim da tarde, num passeio a pé pelos Champs-Élysées, permitiu-se entrar em discussão com um homem. Foram depois para um bar e, embora ela tivesse abandonado o álcool, resolveu pedir um conhaque. Depois de alguns drinques, tudo se enevoou. O despertar foi brutal: encontrava-se numa cama, ao lado do seu companheiro fortuito. Na verdade, ele não lhe havia oferecido qualquer dinheiro, mas ela se sentia terrivelmente humilhada.

«Pulei da cama e vesti-me», diz ela. «Às cinco da manhã encontrava-me na rua, chorando aos soluços. Estava tão envergonhada!»

Como uma sonâmbula, viu-se de repente à porta do Padre Talvas. «Es-tive à sua espera», ele disse.

Por volta de 1953, a jovem já se havia elevado à categoria de líder de grupo num movimento juvenil de um subúrbio de Paris. Daí, foi promovida à importante função de operadora telefônica em Le Nid.

Michèle queria, entretanto, a todo o custo, aprender uma profissão que a tornasse independente. Já próxima dos 40 anos de idade, ela começou a estudar para obter o seu diploma do curso ginásial, trabalhando em meio expediente como telefonista. Em seguida, aprendeu álgebra e direito, a fim de poder entrar para a escola de Beneficência Social dos Trabalhadores, onde passou a trabalhar junto com garotas que tinham idade para ser suas filhas. Ao realizar estágios em hospitais de Paris, ela descobriu a sua verdadeira vocação: enfermagem. «Eu descobri que os pacientes necessitavam de uma presença simpática que os ajudasse a se recuperarem. Eles estavam à minha espera. Eu podia lhes trazer alívio, e até fazê-los rir!»

Entrou para a Escola de Enfermagem e, graças à sua aplicação aos estudos, obteve o diploma em 1963.

Michèle estava finalmente em posição de mostrar o que podia fazer. As irmãs da Ordem da Assunção, num superpopuloso bairro de um subúrbio de Paris, necessitavam de uma enfermeira, e ela se apresentou como candidata. Todas as manhãs, percorria dezenas de quilômetros em sua moto e subia centenas de degraus. A uma mulher espancada pelo marido alcoó-

latra, ela segredou: «Sabe que ele *pode* ser curado?» E em seguida tratou de alojar o homem aos cuidados de um grupo da Vie Libre, uma instituição antialcoólica.

Em 1966, foi nomeada diretora do serviço de beneficência do seu bairro, onde poderia aplicar os meios e a eficiência de uma organização oficial ao serviço dos menos privilegiados.

Finalmente redimida, Michèle estava agora decidida a utilizar a sua experiência para ajudar os outros. Já em 1958, o Padre Talvas lhe havia pedido que participasse de um programa de televisão sobre a prostituição, e contasse diretamente para o público a sua história. Entre 1968 e 1972, ela realizou cerca de 50 conferências por toda a França. A 9 de março de 1972, mais de cinco mil pessoas foram ouvi-la no salão da Mutualité, em Paris.

Incansavelmente, Michèle explicou que a prostituição não é um beco sem saída. Nenhuma mulher nasce prostituta; mas *torna-se* uma prostituta, empurrada para tal por motivações profundas, como a falta de afeto dos pais, a solidão e a ausência de qualquer experiência profissional.

Ela também atacou a aplicação inadequada das leis contra a exploração da prostituição e exigiu mais centros baseados no modelo de Le Nid. Para os céticos, ela resumiu os resultados de Le Nid: em mais de três mil mulheres que o centro auxiliou nos últimos 30 anos, 60% a 70% conseguiram edificar novas vidas para si próprias.

«Gostaria que todo mundo soubesse», repetia constantemente, «que

nós, *mulheres da vida*, não estamos perdidas para sempre. Mas a sociedade nos deve dar a oportunidade de viver como toda a gente.»

Agora, depois de ter escrito o seu livro, Michèle acha que cumpriu a sua missão como um exemplo, e devota-se com toda a energia a ajudar os doentes de uma maneira direta.

Todos os dias, na clínica de doenças venéreas, ela trata de cerca de 150 pessoas, das quais 60% são jovens. No seu bairro, ela dirige um «grupo de solidariedade», que tenta aliviar as misérias da vizinhança. Isabelle, uma ex-prostituta que se tornou fisio-terapeuta, faz parte do grupo, tal

como Roger, um viciado em drogas reabilitado, além de Pierre, ex-presidiário. Pelo menos uma vez por mês, Michèle trabalha com um grupo da Vie Libre; ela própria fez um voto de abstinência.

Apesar de toda a infelicidade que conheceu, Michèle nunca se mostra amarga. «Não lamento absolutamente nada», contou-me ela. «Se não tivesse percorrido um caminho tão longo, talvez nunca tivesse me encontrado com os outros. E a alegria que eles me trouxeram suavizou todas as minhas infelizes memórias e reforçou a minha esperança de que *nada* está jamais perdido.»



UM BOLETIM publicado pela filial de Sidney da Associação das Esposas da Marinha continha este conselho para os membros cujos maridos estavam em alto mar: «Uma boa idéia seria preencher esta folha contendo toda informação útil sobre o que vocês estão fazendo durante o dia.»

— *The Bulletin*, Sidney, Austrália

UMA CARTA de Charles Kokoras, de North Pownal, Vermont, dizia: «Uma pequena fábrica aqui tem 100 operários — 98 irlandeses e 2 italianos. É sindicalizada, e um irlandês e um italiano concorreram à presidência. Os irlandeses venceram por 98 a 2. No dia seguinte, um irlandês disse a um dos italianos: 'Vocês são mesmo unidos, he m!''»

— R. S.

DURANTE a Segunda Grande Guerra, a unidade de meu marido acampou perto de uma plantação de bananas. Certa noite, os homens «atacaram» as bananeiras e praticamente devastaram o bananal, comendo a valer. Na manhã seguinte, a companhia teve de se perfilar diante do irado fazendeiro, que exigia saber quais eram os comilões. Só dois soldados confessaram, e o oficial-de-dia, impaciente por acabar com aquilo, perguntou ao fazendeiro: «Quer processar estes homens?» O fazendeiro pensou por uns momentos, espantado por saber que apenas duas pessoas pudessem comer aquilo tudo numa única noite, e finalmente respondeu: «Não, senhor, quero contratá-los para comerem a produção excedente!»

— J. C.